

AUTA DE SOUZA: UMA VOZ QUE ECOA PARA ALÉM DO HORTO

AUTA DE SOUZA: A VOICE THAT ECHOES BEYOND HORTO

Yls Rabelo Câmaraⁱ

Resumo: Auta de Souza, a poetisa potiguar mais conhecida fora de seu lugar de origem, segundo a crítica literária de seu tempo, surpreendentemente é desconhecida por grande parte do público leitor hodierno. Porém, mais surpreendente ainda é o fato de que, tendo escrito uma única obra em vida, sua produção *post mortem*, prolífica e atuante, desafie a compreensão e nos convide a (re)visitá-la. Neste artigo, tratamos de sua vida e de seu legado literário que extrapola para outras paragens. Para a realização deste estudo bibliográfico – uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e objetivo exploratório –, baseamo-nos em teóricas e teóricos basilares, tais como, a saber: Cascudo (1944), Duarte e Macêdo (2013), Farias (2013a; 2013b), Gomes (2000) e Muzart (1991), dentre outras e outros. Conclui-se que estudar Auta de Souza, com sua voz etérea que ecoa para além do *Horto*, é cada vez mais necessário nos tempos que correm – principalmente porque resgata o que de melhor nossa essência guarda das memórias inefáveis e indelévels da infância e da juventude, dobrando-se com resiliência diante dos obstáculos e transcendendo-os, tal como o fez em vida e o faz no além-túmulo essa beletrista nordestina oitocentista imorredoura e que o Cânone Literário Brasileiro jamais conseguiu amordaçar.

Palavras-chave: Literatura *Post Mortem*; Literatura Espírita; Beletristas Nordestinas Silenciadas.

Abstract: *Auta de Souza, the best-known poetess from Rio Grande do Norte, according to literary critics of her time, is surprisingly unknown to a large part of today's reading public. However, even more surprising is the fact that, having written a single book during her lifetime, her post-mortem production, prolific and active, defies understanding and invites us to (re)visit it. In this article, we discuss her life and her literary legacy that she extrapolates to other places. To carry out this bibliographic study – a basic research, with a qualitative approach and an exploratory objective –, we are based on fundamental scholars such as Cascudo (1944), Duarte and Macêdo (2013), Farias (2013a ; 2013b), Gomes (2000), and Muzart (1991), among others. It is concluded that studying Auta de Souza, with her ethereal voice that echoes beyond Horto, is increasingly necessary these days – mainly because it rescues the best that our essence holds from the ineffable and indelible memories of childhood and youth, folding itself with resilience in the face of obstacles and transcending them, just as this immortal nineteenth-century Brazilian Northeastern female belletrist did in life and does in the afterlife, whom the Brazilian Literary Canon has never managed to muzzle.*

Keywords: *Post-Mortem Literature; Spiritist Literature; Brazilian Northeastern Silenced Belletrists.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutora e Mestre em Filologia Inglesa (Letras – Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* ylscomara@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Advinda de uma família potiguar tradicional, abastada e católica, sendo ela a única menina entre quatro filhos varões, criados que foram todos sem os pais e frequentando uma escola igualmente tradicional e católica para famílias abonadas, Auta de Souza viveu pouco, no limite entre os séculos XIX e XX, legando-nos apenas uma coleção de poemas publicados aproximadamente seis meses antes de morrer agônica e lentamente pelas mãos nem sempre suaves da “dama branca”, em 1901.

Sem embargo, ela nos aturde com sua vastíssima escrita *post mortem* e suas intervenções e influências na esfera espírita – que desde 1932 somam-se e multiplicam-se umas pelas outras levando seu nome, antes conhecido apenas no Brasil, para outras searas onde vivos e mortos encontram-se por trás do véu de Isis. E se comunicam.

Convivendo com a morte desde o berço, ela teve o merecimento de ser bem recebida como escritora preta em uma sociedade racista e extremamente falocêntrica. Nisso ajudaram sua avó – empoderada economicamente –, a proeminência social de sua família, e seus irmãos – que tal como o genitor e o progenitor, seguiram passos seguros na política local.

Contudo, a própria escritora foi amplamente responsável por seu sucesso nas letras porque sua linguagem melíflua e pura, ligada a elementos da natureza, comove e edifica quem a lê. Sua escrita apresenta inequívocas provas de elevação espiritual que, aliada à sua consabida bondade, fizeram dela uma poetisa profundamente pranteada quando chegou a sua hora de se despedir da vida terrena – para a ela retornar, espiritualmente e por meio da poesia, com o fito de continuar sua missão em outras missões que ultrapassam a Literatura e os limites do Brasil.

Neste dossiê que honrosamente organizamos para a Revista LiteralMENTE e que traz à luz escritoras nordestinas que foram obnubiladas pelo Cânone Literário Brasileiro – *per se* misógino e excludente –, apresentamos Auta de Souza, uma intelectual que conhecemos por meio do Grupo de Estudos que idealizamos, criamos, norteamos e orientamos: o Filhas de Avalon – que se debruça sobre o estudo da fortuna crítica de beletristas nacionais e internacionais emudecidas por seus pares masculinos.

Conhecer esta escritora primorosa, sua biografia e sua obra – que transcende a vida, alcança a morte e retorna à vida – foi uma grata surpresa para todas e todos que tivemos acesso ao esmiuçamento de sua trajetória e de seu espólio literário *in vita* e *post mortem* por meio da

Aula 10, na II Edição, ministrada por duas Filhas de Avalon no dia 13 de janeiro de 2022, e que está, desde então, presente em nosso canal no YouTube¹.

No presente artigo, à guisa de *femenagem*², tal como naquela aula, expomos o contexto sociocultural no qual Auta de Souza nasceu, viveu e morreu, pincelando seu percurso meteórico como pessoa e como artista das palavras, e nos detendo em sua faceta de poetisa em vida, e, logo mais, já desencarnada e mais presente do que o fora enquanto vestia a mesma massa corpórea que nos faz humanos neste Plano Espiritual.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 Em breves linhas, a vida breve de Auta de Souza

Farias (2013b) afirma que em meados dos oitocentos, o eixo comercial entre a América do Norte e a Europa passou por inúmeros conflitos bélicos que repercutiram em drásticas mudanças na economia, na perda de amplos contingentes de soldados e, em plena Revolução Industrial, na falta de matéria-prima para a indústria têxtil. Foi então que esses países voltaram seus olhos para o algodão brasileiro cultivado no Nordeste, onde o Rio Grande do Norte se destacava. Macaíba, cidade vizinha a Natal, rapidamente se desenvolveu e despontou como um importante entreposto comercial e era, conforme Farias (*ibidem*), a capital política e econômica da província potiguar.

Segundo Lopes (2018), nossa poetisa, Auta Henriqueta de Souza, nasceu nessa cidade próspera, filha de Elói Castriciano de Souza e de Henriqueta Leopoldina Rodrigues. Teve como irmãos Eloy Castriciano de Souza (1873-1959 – o primogênito, que chegou a ser um importante líder político), Henrique Castriciano de Souza (1874-1947 – que se tornou jornalista, poeta simbolista e político como seu irmão, pai e avô paterno), Irineu Leão Rodrigues de Souza (1875-1887 – que não chegou à adolescência) e João Cânciao Rodrigues de Souza (1876-1933 – o único a deixar descendência).

Vindo ao mundo por meio dessa família de posses em 12 de setembro de 1876, ela viveu apenas 24 anos, falecendo em 7 de fevereiro de 1901, de acordo com Santos (2022). Os Castricianos de Souza pertenciam à mais fina elite macaibense, “apesar de” serem “pessoas de cor” –, contrastando com a cor de pele desejável naquele contexto:

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@FilhasdeAvalonoFemininoemPauta>. Acesso em: 15 out. 2023.

² Em consonância com o teor deste dossiê, aqui não há “homenagens”, mas **femenagens** (Nota da Autora).

Saliente-se ainda, que a posição social em que se encontrava a família Castriciano-Souza foi de suma importância para a sua ascensão política, já que ela fugia dos padrões de cor da elite, tanto local quanto nacional (Santos; Pereira, 2022, p. 3 *apud* Silva, 2018, p. 33).

A firma Paula Eloy & CIA, uma das mais venturosas do lugar, cujos donos eram o pai de Auta e seu avô materno, financiava safras de algodão, açúcar, farinha de mandioca, arroz e milho (Farias, 2013a). A família estava, em outras palavras, em constante ascensão – o que não a impediu de passar por incontáveis dissabores. Quanto a Auta, o infortúnio sempre a perseguiu mais do que a bem-aventurança. Seus pais faleceram muito cedo, deixando tanto ela quanto seus irmãos órfãos ainda em tenra idade: a mãe, aos 27 anos (7 após haver-se casado e haver tido 5 gravidezes seguidas, consoante Lopes [2018]), quando Auta tinha 3 anos incompletos; o pai, aos 39, quando a pequena tinha 5 anos – ambos de tuberculose. Na verdade, todos os parentes nucleares de Auta morreram dessa doença, menos Henrique (Dantas, 2021).

Ficaram, então, ela e seus irmãos aos cuidados da avó materna, a Sra. Silvina Maria da Conceição de Paula Rodrigues – a quem eles chamavam, com carinho, de Vó Dindinha –, e do avô, Francisco de Paula Rodrigues. Logo após a missa de sétimo dia da filha, levaram os netos para morar com eles no Recife, no grande sobrado de azulejos que tinham ali. Francisco, além de ser um rico comerciante e dono de fazendas de gado, era um político destacado, mas faleceu um ano após a morte dessa filha, vitimado por uma bronquite, que somada ao seu problema de asma, levou-o a óbito em pouco tempo, aos setenta e três anos de idade. Sua partida imprevista deixou sua viúva com a incumbência de criar os netos sozinha, uma vez que o genro, pai das crianças, desconsolado com a morte da esposa, entregar-se-ia à política cegamente e morreria logo a seguir, no intervalo de dois anos. As primeiras lembranças que Auta guardou de sua curta vida estão ligadas a esses momentos inicialmente dolorosos e à chácara do Arraial, com o grande sobrado azulejado e os imensos pomar e quintal que o guardavam.

Ela aprendeu com o exemplo dessa avó-mãe a ser sempre muito caridosa e o era com total entrega, visceralmente. Começou a ler e escrever aos sete anos de idade, ensinada que fora pelo professor particular Manoel Vitorino, e sempre lia em voz alta os textos que mais lhe apraziam para as pessoas analfabetas (Lopes, 2018). Recatada, obediente e amorosa, sofreu muito com a morte do avô materno e, mais adiante, quando testemunhou a perda de seu irmão preferido, Irineu, que faleceu após haver-se queimado fatalmente com um candeeiro de querosene, que explodiu perto de si devido a uma rajada forte de vento que adviera da chaminé uma noite, enquanto ele subia para o andar de cima da casa, ao se recolher para dormir (*ibidem*).

Era 17 de fevereiro de 1887. Ele tinha 11 anos; ela, 10. Para Lopes (*ibidem*), aquelas foram 18 horas de extrema agonia para o menino, com o corpo completamente desfigurado e sem chance de recuperação. Auta acompanhou-o até o fim, sendo essa uma experiência profundamente sofrida para ambos e para todos à sua volta, mas, talvez, principalmente para ela. Pode-se dizer que essa vivência traumática foi o *turning point* em sua vida e que tanto a entristeceu como também serviu de catalisador para mudanças necessárias e pelas quais ela também seria chamada a passar em breve.

Auta, contudo, jamais esqueceria deste irmão que viu morrer e que seguiu honrando em seus poemas impregnados de saudade – como este, que lhe dedicou dez anos depois de seu falecimento, à guisa de panegírico:

IRINEU

Num dia turvo assim foi que partiste
Cheio de dor e de tristeza cheio.
Eu fiquei a chorar num doido anseio
Olhando o espaço merencório, triste.

Não sei se mágoa mais profunda existe
Que esta saudade que me oprime o seio,
Pois a amargura que ferir-me veio
Naquele dia, ó meu irmão! persiste.

Os anos que se foram! Entanto, eu cismo
A todo o instante, no profundo abismo
Que veio a morte entre nós dois abrir.

Mas cada noite, na asa de uma prece,
Ou num raio de sol quando amanhece,
Vejo tua alma para o céu subir...

(Souza, 2009, p. 223).

Vendo que a menina gostava de estudar e estava muito amargurada pela morte do irmão predileto, Dindinha a matriculou em um internato, como cabia a uma criança de berço privilegiado daquele tempo. Ali ela receberia amor, atenção e doaria bondade e gentileza em igual proporção. Consoante Silva e Oliveira (2014), Auta estudou durante três anos no Colégio São Vicente de Paulo, no bairro da Estância, em Recife, tendo contato com duas línguas estrangeiras – inglês e francês – e apaixonando-se pela poesia e pela Literatura. Ademais dessas disciplinas, estudou música e desenho com as freiras francesas vicentinas. Naquele oásis em meio à dor, como explica Lima (2019), ela preencheu um pouco da grande lacuna deixada por este irmão tão próximo e que morreu tão cedo. Entre as religiosas, Auta converteu-se em uma das alunas mais aplicadas, sendo tida como o “lírio do colégio”. Era extremamente popular e

as colegas disputavam sua atenção. As amizades feitas nesse tempo duraram até o fim de seus curtos dias.

À luz de Farias (2022; 2013a), entre os anos de 1888 e 1890, tempo em que esteve matriculada nessa escola e da qual saiu quando lhe apareceram os primeiros sintomas da tuberculose, ela ganhou todos os prêmios escolares; falava francês com desenvoltura e fluência e lia nessa língua com extrema habilidade. Além disso, a biblioteca montada em casa por seu irmão Henrique (que prefaciaria *Horto* anos depois), também já tísico, era um paraíso onde ela se isolava do mundo para ler, aprender e crescer internamente. Algumas dessas leituras foram as obras de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Olavo Bilac, Tobias Barreto, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Victor Hugo, Fagundes Varela, Antônio Nobre, Raul Pompeia, Guimarães Passos, Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, Alberto Oliveira, Antero de Quental e Gonçalves Dias, além das hagiografias dos místicos Tomás de Kempis e Teresa de Ávila (Santos; Pereira, 2022; Farias, 2013a).

Muito dessa fortaleza e dessa abertura para o mundo ela aprendera com Dindinha, uma mulher simples, que nunca permitiu que lhe fotografassem nem que lhe ensinassem a ler, como expõe Farias (2013a), e que segundo Lopes (2018, p. 26), pertencia à “[...] velha raça [...], os chamados negros da terra, os índios, uma moça do povo que ascendeu socialmente através do casamento”. Mesmo assim, foi além de si própria e oportunizou a melhor educação que pode pagar aos cinco netos. Essa criação privilegiada, em meio a um ambiente fértil de prosperidade intelectual e financeira, abriu espaço para que Auta de Souza e seus irmãos pudessem ser quem foram e explorassem plenamente todas as suas potencialidades.

Na próxima seção, abordamos o contexto histórico e social da época que acolheu nossa poetisa e a viu desenvolver-se como pessoa e como literata, o impacto de sua escrita e de sua obra singular e o quanto seu nome, legado e presença espiritual inacreditavelmente desafiaram os limites metafísicos do tempo e do espaço e estão conosco mais presentes do que quando ela própria vivia.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 O contexto histórico-social que testemunhou a vida e a morte de Auta de Souza

Macaíba havia sido elevada à condição de vila em 1879. Para Leão (1986), foi justamente no intervalo entre as três últimas décadas do século XIX e o alvorecer do século XX, especificamente entre 1876 e 1901, anos que correspondem aos que Auta viveu, que o

Brasil experimentou um momento de lenta maturação de sua reconfiguração social e política em meio à escravidão decadente e sua abolição.

A identidade da nova nação, que vinha se delineando desde que fomos oficialmente descolonizados, em 1822, coincidiu “[...] com o complexo estilístico pós-romântico” na Literatura (*ibidem*, p. 25), ou seja: com o realismo, o naturalismo, o parnasianismo, o impressionismo e o simbolismo. Essas foram escolas literárias que não se sucederam, como normalmente se imagina que aconteceu, mas que conviveram no mesmo ambiente cultural, influenciando a uns mais do que a outros e influenciando-se entre si. Cada vez mais pessoas eram alfabetizadas; cada vez mais pessoas liam – especialmente romances; cada vez mais mulheres escreviam literariamente – dentre elas, Auta de Souza.

Naquele quartel final do século XIX e início do século seguinte, a *Belle Époque* estava no auge, ditando as regras de comportamento, a moda e os parâmetros para o aformoseamento das cidades e a sua salubridade a partir de ideias higienistas importadas da Europa Ocidental. Desditosamente, devido a essa “salubridade”, as/os ex-escravizadas/os e seus descendentes, vistos como inferiores, não foram incorporados de maneira justa à onda de modernidade que varria o Brasil naquele despontar da Revolução Industrial entre nós e dos ciclos do café e da borracha. Ter a pele morena, naquele contexto, significava ser menos e valer menos do que uma pessoa de ascendência “ariana”.

A urbanização encontrava atrito no êxodo rural; o cidadão cada vez mais se distanciava do agrário; a classe média se fortalecia e tangenciava as relações de poder. Em um país recém-liberto de sua ligação com a Metrópole e recém-saído da escravidão – sendo o último das Américas a fazê-lo –, existia a ânsia pelo belo, pelo branco, pelo claro, onde a mestiçagem era vista como torpe porque significava uma “mistura de raças”. O branqueamento atingia também a egrégora da Literatura. Por essa razão, mulheres pretas como Auta de Souza e Maria Firmina dos Reis, apenas para citar duas delas, foram acachapadas – cada uma à sua maneira.

Afrodescendente e havendo tido ancestrais indígenas, Auta sofreu, ainda que subrepticiamente, preconceito por suas origens e cor, mesmo vindo de uma família rica e originária da mais influente cidade na província do Rio Grande do Norte daquele momento (Farias, 2022) – mas que não pôde lhe comprar todo o respeito que ela merecia. Contudo, segundo a fortuna crítica, Auta não se apropriou de sua ancestralidade, afastando-se dela, e jamais se dirigira ao tema da escravidão como Firmina o fez. Não obstante, há que se contextualizar que Auta de Souza, por ser de raízes agraciadas pela ventura financeira, apesar de não expor em seus versos alusão alguma sobre esses temas tão caros aos abolicionistas, poetizava sobre a liberdade

utilizando-se de figuras como correntes que se quebram, asas em pleno movimento, pássaros que voam alto e prisões que se abrem.

Em se falando de liberdade e de restrição de liberdade, os casamentos arranjados seguiam sendo praticados naqueles idos, mas Auta não se casaria. A partir dos 14 anos, na idade em que suas amigas estavam se comprometendo maritalmente, ela foi diagnosticada como tuberculosa. Ajudada pela avó e pelos irmãos, voltou do Recife para Macaíba e passou a ter aulas em casa, ministradas por preceptores. Porém, como estava sempre em movimento, levada por Dindinha juntamente com Henrique, que também já estava tísico, pelo interior do Rio Grande do Norte para se restabelecerem, Auta não teve como seguir estudando com os professores particulares que sua avó contratava e tornou-se autodidata.

Ainda que saindo à revelia da escola que tanto amava e passando por incontáveis momentos difíceis antes e depois desse momento ingrato em sua vida, ela jamais esteve só em sua batalha contra a morte precoce. Pelo contrário: Dindinha, seus irmãos e amigas formaram uma rede de apoio e proteção em torno dela e nunca a isolaram, como era o mais comum de acontecer no caso de se ter um ente “enfraquecido” na família e tal como sua mãe o fizera quando teve uma piora considerável em seu estado clínico, autoexilando-se sozinha em uma das fazendas do marido e morrendo desassistida de maiores atenções porque assim o quisera.

Muitas vezes, esse excesso de zelo para com a jovem Auta, especialmente por parte dos irmãos, a amordaçava, mas ela não os enfrentava porque considerava que tanto empenho era sinônimo de amor – como, de fato, o era (Santos; Pereira, 2022). Conforme Lopes (2018), era extremamente usual que as moças brasileiras oitocentistas trocassem cartinhas entre si em sinal de afeto, escrevendo também versos nos álbuns e diários umas das outras, e Auta, apreciada como era por suas queridas amigas, também participava desses costumes.

Buscando uma cura que sabia que jamais lhe chegaria, ela passou a escrever poemas, mais precisamente em 1893, dedicando-os a familiares e amigas; sendo uma católica praticante, tornou-se professora de catecismo. Encontrando razões para manter-se viva, Carneiro e Freitas (2021) defendem que a jovem usufruiu bastante bem da sobrevida que teve, passando a frequentar, em 1894, o Clube do Biscoito, que reunia em Macaíba associados para saraus e festas dançantes em suas casas. Nele, Auta era a única que declamava poemas seus e de seus poetas preferidos – improvisando-os também (Souza; Carvalho, 2022). Além desses encontros e dos saraus – um costume burguês importado da Europa –, participava igualmente dos “assustados”, que eram festas domésticas que contavam com muita música tocada ao piano, fartura de comida e bebida sendo servida, além da poesia e da dança que varavam as madrugadas (Lopes, 2018; Souza; Carvalho, 2022).

Entretanto, como explica Lopes (2018), o Brasil que viu nossa poetisa nascer, viver e morrer ainda era demasiadamente patriarcal e misógino para permitir que a produção literária feminina fosse igualada à dos homens ou que a superasse. Isso quer dizer que a escrita das mulheres continuava sendo muito circunscrita ao ambiente doméstico: além dos supracitados diários, poemas escritos em cadernos e que, no máximo, eram lidos nas tertúlias literárias caseiras ou publicados em jornais literários (mas sempre com respeito aos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos ou eram de cunho religioso).

As mulheres que ousavam sair desse perímetro para demonstrar publicamente seu domínio sobre o verbo eram ostracizadas e mantidas à margem da sociedade como párias. Escritoras como Maria Firmina dos Reis, Francisca Clotilde, Ana Facó, Alba Valdez, Narcisa Amália, Rita Bagem de Melo, Emília Freitas e Delminda Silveira de Souza romperam esses limites asfixiantes e pagaram o alto preço por seu vanguardismo (*ibidem*). Algumas delas, para nossa sorte, estão presentes nesse dossiê, estudadas por investigadoras e investigadores da área.

Contudo, essa ojeriza não foi exercida contra Auta de Souza e o mais provável é que, com relação a ela, teve-se em conta seu berço privilegiado, o poder que sua família exercia na região – mesmo sendo “mestiça” –, as agruras pelas quais passou como órfã e tuberculosa – que inspiravam piedade –, e sua poesia singela e resignada – que enternecia. Somado a isso, Gomes (2000, p. 49) assevera acerca de sua importância inestimável para a nossa cultura:

Uma particularidade a mais da poesia de Auta de Souza revelou-se na ressonância que tiveram poemas seus que foram musicados por compositores regionais e que alcançaram repercussão nacional e internacional, ao longo deste século. Serestas, modinhas, cantigas de ninar, hinos litúrgicos que fizeram cantar as almas de homens, mulheres e crianças.

Esse detalhe importantíssimo e que a distinguiu de outras escritoras conterrâneas e contemporâneas suas, o fato de entrar para o cancionário e para o adagiário populares brasileiros, a fizeram extremamente conhecida além das fronteiras potiguares, alcançando o Sudeste e o Sul, onde o poder político e econômico se concentrava – o que a fez ser cantada em modinhas e cantigas de ninar até hoje.

Como era católica, em um momento e lugar onde o catolicismo era imperante em muitos aspectos e sendo ela própria uma catequista, havendo sido aluna interna durante três anos em um colégio tradicional católico e de moral vicentina, sendo ela reconhecida por todos como uma moça resignada e bondosa, sendo também virgem, não nos surpreende o fato de que a crítica a favorecesse e a apontasse como um exemplo a ser seguido, tal como se sua vida

refletisse uma hagiografia, associando-a à imagem estereotipada do “Anjo do Lar” que Gilbert e Gubar (1979) tanto escreveram sobre – e criticaram.

Para Cascudo (1944), conterrâneo seu, ela foi a “cotovia mística das rimas” e a “maior poetisa mística do Brasil”. Rica, educada, culta, mística, sensível, obediente, órfã, doente e casta. Auta, segundo palavras de Palhano (2014), afora o fato de ter os pais já mortos e estar tuberculosa, representava o socialmente desejável em seu tempo.

Com essa tipificação engessada, naquele momento, escrever literariamente e publicar o que se escrevia, sendo mulher, significava adentrar em uma egrégora majoritariamente masculina. Portanto, uma senhorita de fino trato como era ela, foi poupada pela crítica literária atroz de então, hegemonicamente masculina, porque seu comportamento inspirava a confiança dos que a podiam julgar, muito provavelmente porque Auta não afrontava nem se opunha ao patriarcado enraizado em nossa Literatura no Nordeste, palco de sua vida.

Em consonância com Farias (2022), a educação determinista que lhe fora inculcada desde muito cedo pode ser uma explicação para a maneira com a qual ela concebia a dominação masculina sobre seu corpo e seu intelecto. Como se não já fossem bastantes essas subalternidades, ainda havia sobre si o estigma da tuberculose e o espectro da morte, que estava sempre a rondá-la, atravessando-lhe a existência. Mesmo com tantos senões, Auta dedicou-se a escrever e publicar o mais que pode. E foi brilhante nesta faina.

2.2 A importância da escrita de Auta de Souza e sua fortuna crítica

Auta começou sua produção poética aos 17 anos e estreou na imprensa local como colaboradora na *Revista Oásis* aos 18, como afirma Farias (2013b). Seu único livro, *Horto*, é uma coletânea de poemas publicada em 1900, pouco antes de seu falecimento, em 1901. Naquele contexto de novidades, de *fin-de-siècle* e de século estreante, outras mulheres igualmente nordestinas e quebradoras de paradigmas também estavam publicando suas *masterpieces* – como é o caso da cearense Emília Freitas, em 1899, com *A Rainha do Ignoto*, livro que inaugurou o gênero ficção científica na Literatura Brasileira. Outra cearense, Francisca Clotilde, publicaria *A Divorciada* em 1902, mas sem a égide que favorecia Auta e sendo, por sua ousadia, ostracizada, silenciada e quase apagada da historiografia literária. Emília Freitas o foi menos, mas a republicação de seu *Magnum Opus*, por exemplo, somente aconteceu recentemente, em 2003, conforme Catrib, Paula e Câmara (2022).

Quanto a Auta, em seus poemas neorromânticos, vida, morte, dor e amor estão sempre vinculados a momentos de melancolia, bem aos moldes casimirianos, onde música e lirismo se

unem e se transformam em um envolvente efeito sinestésico que atinge o público leitor, fazendo-o revisitar suas próprias memórias. Em seus versos bem dosados, estão presentes também o medo, o frio, a solidão, o racismo sofrido ainda que superficialmente, a mãe e o pai, os avós que a criaram, os irmãos, as amigas, as aulas de catecismo, as crianças e o universo católico (Lopes, 2018).

Muzart (1991) advoga que sua poesia se caracteriza pelo tom simples, profundo e familiar de sua linguagem – com muitos adjetivos e diminutivos –, além do uso da redondilha maior. O eu lírico de seus versos, de acordo com Santos (2023, p. 118), é expressado de forma dolorosa, pesadosa, “[...] marcado pelo sentimento de morte”. Seus poemas, assim como o único namorado que tivera, foram reprovados por seus irmãos, que viam como desgastantes esses desvios de foco de sua doença e do que uma condição delicada como a sua exigia.

Mesmo assim, apesar de *Horto* ser o único livro publicado por nossa fêmeageada, ela teve uma grande visibilidade nacional quando a coletânea veio a lume (*ibidem*), principalmente porque o prefaciador foi ninguém menos do que Olavo Bilac, o “Príncipe dos Poetas Parnasianos” – e da escola literária que ela abraçara: o parnasianismo. Aqui cabe uma consideração: mesmo sendo marcadamente parnasiana em sua essência, Alfredo Bosi (2006) afirma que ela pertencia ao simbolismo. Independentemente de suas tendências de escrita, Duarte e Macêdo (2013, p. 85) asseveram que seu livro é um dos mais representativos da época:

Sua poesia, romântica e com traços simbolistas, circulou nas rodas literárias do país despertando sempre emoção e muito interesse [...]. Por isso, foi fartamente incluída nas antologias e manuais de poesia das primeiras décadas do século XX, tendo muitos de seus poemas musicados e apresentados nos saraus e em festas de igrejas e colégios.

Consoante Palhano (2014), *Horto*, entre 1900 e 2009, teve seis edições – um feito singular na Literatura Norte-Rio-Grandense –, merecendo os prefácios não somente de Olavo Bilac, na primeira edição, em 1900, como supra exposto e que se esgotou em uma semana (Santos; Pereira, 2022), mas também de seu irmão Henrique Castriciano em 1910, em Paris – que lhe adicionou uma nota biográfica na segunda edição –, e de Alceu Amoroso Lima/Tristão de Ataíde na terceira, em 1936. O livro teve mais duas publicações: uma em 1964 e outra em 2001, ambas na cidade de Natal.

Talvez por sua personalidade dócil e obediente, talvez pela subalternidade imposta a ela como mulher e afrodescendente no Nordeste do final do século XIX e início do século XX, Auta expressava-se de maneira a contrastar o seu discurso com o de outra potiguar, nascida em

Papary³, porém, mais atuante e combatente do que ela em vários temas: Nísia Floresta Brasileira Augusta, ou, como é mais conhecida, Nísia Floresta – codinome de Dionísia Gonçalves Pinto.

Abrimos parêntese aqui para tecermos algumas palavras sobre a grande Nísia Floresta, à luz de Duarte e Macedo (2013) e Santos (2022). Ela foi, ademais de nossa primeira feminista, escritora, poetisa, educadora, abolicionista e republicana. Foi uma das primeiras mulheres a publicar em jornais e revistas de circulação nacional. Seus livros foram traduzidos para o português, o italiano e o francês e ela morou em diversos estados brasileiros e em vários países europeus, tendo Comte como um de seus grandes amigos. Seu *Magum Opus é Direito das Mulheres e Injustiça do Homens* (1832) – nossa primeira obra de cunho feminista –, escrito nos moldes de *A Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft (1792). Curiosamente, Nísia Floresta e suas bandeiras de luta foram extremamente importantes para um dos quatro irmãos de Auta: Henrique Castriciano. Jornalista poeta e político, como já mencionado, ele fundou a Liga de Ensino, que incentivava e valorava a educação feminina baseando-se nas propostas dessa educadora (Santos; Pereira, 2022).

Voltando novamente nosso olhar para Auta, comprovamos que apesar de tantos entraves, ela foi uma profícua colaboradora literária em diversos jornais de tiragem nacional (Farias, 2022; Silva; Oliveira, 2014) a partir de 1893, quando os sintomas da tuberculose já degradavam sua já frágil saúde há um quadriênio (Farias, 2013a). Em 1894, estreou publicamente na revista natalense *Oásis*, que foi também quando iniciou o namoro com João Leopoldo da Silva Loureiro, o único que teve. Em 1896, passou a escrever na *República*; em 1897, na *Tribuna*; e entre 1899 e 1900, neste mesmo jornal, começou a publicar sob pseudônimos como “Hilário das Neves” e “Ida Salúcio”. Por volta de 1898, colaborara com a primeira revista católica do lugar, a *Oito de Setembro*, e, por fim, escreveu também para a revista *Rio Grande do Norte*, juntamente com seu irmão Henrique e sendo a única mulher a escrever para a imprensa potiguar naquele momento (*ibidem*).

Durante essa fase em que escreveu freneticamente para diversos jornais e revistas, sua saúde oscilou muito e ela precisou fazer constantes viagens em busca de lugares mais salubres, na ânsia de melhorar. Peregrinou, portanto, entre Recife, Vila de São José de Angicos ou “sanatório do agreste”, Nova Cruz, Serra da Raiz, Macaíba e São Paulo do Potengi (Lima, 2019).

Centrando-nos em sua obra capital, o livro *Horto* foi publicado no dia 20 de junho de 1900. Como expõe Farias (2013a), dos 114 versos ali escritos, 16 não eram mais inéditos, pois

³ Na antiga Capitania da Paraíba e atual Rio Grande do Norte (Nota da Autora).

havia sido publicados em periódicos anteriormente. A primeira edição da obra compunha-se de 232 páginas e teve uma tiragem de 1.000 exemplares. Normalmente se tem vinculado o nome de Auta ao ostracismo ao qual ela foi relegada por algum tempo. Contudo, há que se dizer também, e segundo palavras de Muzart (1991), que ela fora reconhecida como uma grande poetisa ainda viva e sua única obra esteve, por muitos anos, em voga, apreciada. Sobre isso, Farias (2013, p. 3) afirma:

Após sua morte, Auta foi transformada num mito dentro do nosso Estado por intelectuais e estudiosos da sua vida e obra, que lhe alçaram à condição de mulher modelo, caracterizada como a moça religiosa que, sendo tuberculosa, sofreu até o limite de suas forças, mas que deixou um livro que a eternizou. Todavia esses mesmos intelectuais não deram atenção para a excepcionalidade de sua condição: mulher, intelectual e negra nos oitocentos.

À luz de Dantas (2021) e Lima (2019), Auta de Souza viveu por **VINTE E QUATRO ANOS, QUATRO MESES E VINTE E SEIS DIAS**, falecendo em 7 de fevereiro de 1901, na casa dos irmãos Henrique e Eloy. Ela desceu ao túmulo consciente de que deixava um legado impactante – especialmente se considerarmos que ele só vem crescendo desde 1932, quando ela e uma poetisa portuguesa foram as únicas duas que emprestaram suas vozes *post mortem* para a primeira obra psicografada de Chico Xavier: *Parnaso de Além-Túmulo*.

Sobre a continuidade de sua missão na escrita e em outras esferas, tratamos a seguir.

2.3 A doença, a morte e o além-túmulo

Um pouco antes de seu falecimento, Auta havia tido uma grande tristeza: seu único namorado, João Leopoldo da Silva Loureiro – promotor público de Macaíba, tuberculoso também e com quem ela iniciara um romance do início de 1895 e terminara em 1897, em muito pela interferência dos irmãos dela –, falecera logo após esse término (Carneiro; Freitas, 2021). Como Auta já estava há muito doente, cada pessoa que morria tísica em seu entorno lembrava-lhe que as garras da morte estavam a buscá-la inexoravelmente. E não tardariam mais para encontrá-la.

De acordo com Torres (2023), o adjetivo e também substantivo “tísica”, pertencentes ao campo semântico da “tuberculose pulmonar”, têm um sentido romântico porque se referem à *phisis*, à aparência magra, pálida e quase angelical ligada simbolicamente ao século XIX, à burguesia em ascensão e aos artistas e boêmios que representavam o retrato que se fazia do ultrarromantismo, a título de ilustração. Naquele momento, para se suavizar o peso que

significava ter esta enfermidade estigmatizante e fatal, como soem ser as epidemias, utilizavam-se sinônimos e eufemismos para se referir a ela, tais como “dama branca” e “peste branca”. Em conformidade com Dantas (2021), na segunda metade do século XIX, a taxa de mortalidade no Brasil por tuberculose pulmonar era da cifra de um para cada cento e cinquenta habitantes.

Todavia, na virada do século XIX para o século XX, a doença passou por uma reconfiguração simbólica: sendo, o mais das vezes, associada a um flagelo que castigava os mais vulneráveis (pretas e pretos, pobres e imigrantes carentes) e passando a ser referenciada sempre como “tuberculose”. Em outras palavras, a romantização burguesa da tísica no século XIX cedeu espaço à tuberculose impura, pecaminosa e infeliz no século seguinte, unida simbolicamente à mestiçagem, à pobreza e à escravatura recém abolida.

Curiosamente, por mais estigmatizante que a tuberculose tenha chegado a ser, Auta não foi segregada ou apagada dos núcleos sociais dos quais participava por estar seriamente doente, mesmo sua enfermidade sendo consabida e tendo ela crises cada vez mais constantes e que a combaliam (Dantas, 2021; Farias 2013a). Pelo contrário: sua presença era extremamente requerida entre os que a amavam, como já exposto. Portanto, sendo ela uma moça bem-nascida e bem-criada, o fato de estar “enfraquecida”, como tantos também estavam, não diminuiu a atenção, o carinho e o apoio alheios sobre si.

Dentro desse refúgio, dessa campânula, mesmo estando protegida da dor, ela não escapou de vivenciá-la nem de ter incontáveis momentos de laceração espiritual com a morte de familiares mais próximos, amigas queridas e seu único namorado. Ainda assim, em meio a tantas agruras, encontrou, como assegura Torres (2023), razões para seguir vivendo e dividindo seus dias entre leituras, escritos, aulas de catecismo, rezas, viagens em busca de locais mais sadios e uma comedida vida social. Podemos dizer que o auxílio recebido e seu imensurável amor pela Literatura e pela poesia, além de sua inabalável fé, a salvaram de sucumbir à tristeza que consumiu seus exíguos 24 anos de vida – especialmente sua última década.

O final agônico, inescapável e trágico dessa poetisa primorosa viu-se refletido em seu soneto “Ao Pé do Túmulo” – uma despedida resignada e há dez anos esperada por ela e por seu entorno mais próximo para acontecer a qualquer momento:

Eis o descanso eterno, o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas;
Eis o repouso, enfim; e o sono amigo
Já vem cerrar-me as pálpebras cansadas.

Amarguras da terra! Eu me desligo
Para sempre de vós... Almas amadas
Que soluças por mim, eu vos bendigo

Ó almas de minh'alma abençoadas.

Quando eu daqui me for, anjos da guarda,
Quando vier a morte que não tarda
Roubar-me a vida para nunca mais...

Em pranto escrevam sobre minha lousa:
"Longe da mágoa, enfim, no céu repousa
Quem sofreu muito e quem amou demais".

(Souza, 2019, p. 143)

Após sua morte, Farias (2013a) comenta que Auta de Souza foi alçada ainda mais à condição de moça exemplar e pessoa ímpar, um espelho onde a sociedade deveria mirar, virgem-mártir e quase santa. Seus versos, como supradito, foram musicados e se espalharam Brasil adentro, mantendo viva a sua mensagem e fazendo-a citada pelos críticos literários e folcloristas mais prestigiosos que tivemos desde então, tais como: Alfredo Bosi, Massaud Moisés, Luis da Câmara Cascudo e Otto Maria Carpeaux. Por isso também, encontram-se verbetes sobre ela nos principais dicionários de Literatura e seus poemas estão nas antologias e cancionários, mas isso não quer dizer que ela seja mais conhecida agora do que outrora pelo grande público leitor – infelizmente.

Contudo, em 1932, quando se acreditava que sua produção escrita tinha cessado junto com ela e encontrava-se cimentada, sendo reproduzida pelo sendo comum e revivida em resenhas por aqueles que a admiravam como poetisa, eis que ela ressurgiu da forma mais inesperada possível: pelas mãos generosas de um então desconhecido médium espírita, Chico Xavier, na primeira das mais de quatrocentas obras que ele ajudou a veicular do Mundo Espiritual para o Plano Terreno.

A obra em tela intitula-se *Parnaso de Além-Túmulo*, lançada em 9 de julho de 1932. Em sua edição primeira, continha sessenta poemas assinados por nove poetas brasileiros, quatro portugueses e um anônimo. Nela podemos apreciar poemas de Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, Alphonsus de Guimarães, Artur Azevedo e Júlio Diniz, dentre outros. Indubitavelmente, uma escrita como esta trouxe muitos questionamentos de autenticidade e outras de cunho ético para o terreno da Teoria da Literatura, mas Chico Xavier, que jamais recebeu recompensas pecuniárias pelos livros que psicografou e publicou, provou ser sua produção idônea, servindo de elo entre os dois mundos separados pelo véu de Isis.

Desde então, a comunicação mediúcnica de Auta de Souza dentro e fora do Brasil tem sido imparável. Como uma mentora espiritual, ela tem sido acolhida como protetora e trabalhadora em inúmeros centros kardecistas pelo mundo, apesar de ter tido sua imagem associada ao catolicismo enquanto esteve encarnada neste Plano Espiritual (Souza; Souza,

2013b). Em termos de caridade, uma campanha da fraternidade mundial e perpétua leva o seu nome: a Confederação de Campanhas da Fraternidade Auta de Souza, a CONCRASFAS, criada por Nympho de Paulo Corrêa em 1953, em São Paulo, e que recolhe alimentos, roupas e outros itens, doando-os a quem deles necessitam. É conhecida também como “Caravana Auta de Souza” (Farias, 2013a). Nesse sentido, destaca-se a cidade de Salvador e o trabalho altruísta de Divaldo Pereira Franco, conhecido médium espírita contemporâneo a nós e que defende que Auta está entre os que intercedem pelas pessoas que têm doenças letais e/ou degenerativas. Seu nome inspira também uma editora, jornais, uma revista, escolas, ruas, praças e vários livros (Lopes, 2018).

Curiosamente, segundo Almeida (2012), outra intelectual nordestina tratada por nós neste mesmo dossiê – a beletrista, educadora e jornalista cearense **FRANCISCA CLOTILDE BARBOSA DE LIMA** (1862-1935) – também passou a colaborar, do Plano Espiritual onde se encontra há quase um século, com as escritas psicografadas por este médium. Fê-lo mais precisamente por meio de duas obras⁴: *Natal de Sabina* (1972) e *Tintino: o espetáculo continua...* (1976). Além de Auta e Clotilde, outras poucas mulheres desencarnadas são extremamente presentes nas obras psicografadas de Chico Xavier e de Divaldo Franco: Meimei, codinome de Irma de Castro Rocha, e Maria Dolores⁵, codinome de Maria de Carvalho Leite – tendo sido esta última professora e escritora.

Volvendo-nos para Auta de Souza novamente, Chico Xavier concebeu uma coletânea de sonetos escritos por ela psicograficamente e que são referenciais: *Auta de Souza – A Gentil Mensageira do Amor* (1976). Estes são alguns dos poemas que ela nos legou por meio deste que é considerado o maior médium brasileiro de todos os tempos: “Agora”, “Alma Querida”, “Auxilia”, “Avancemos”, “Bendize”, “Caridade”, “Do Pícaro ao Lodo”, “Escuta”, “Essa Migalha”, “Lágrimas”, “Mãos”, “Ora e Vem”, “Oração de Hoje”, “Pensa”, “Rogativa”, “Segue e Confia”, “Vai Irmã” e “Vamos Juntos”. Dessas obras de Chico Xavier sobre Auta de Souza, alguns sonetos foram musicados por Carlinhos Santa Rosa, a saber: “Alguém na Estrada”, “Caridade”, “Essa Migalha”, “Meditação”, “Mensagem Fraternal”, “Oração de Hoje”, “Prece a Jesus”, “Presença do Amor”, “Senhora da Amargura”, “Vamos Juntos” e “Vem e Ajuda”.

Portanto, diferentemente de outras escritoras nordestinas, Auta de Souza é, para Lopes (2018, p. 12), a poetisa “[...] mais conhecida e festejada do Norte”. Seu cancionário é formado por estes poemas: “Agonia do Coração”, “Ao Cair da Tarde”, “Ao Luar”, “Eugênia”, “Caminho

⁴ Disponível em: <http://realidadeespirita.com.br/espiritismo/chico-xavier/relacao-das-obras-psicografadas/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.uemmg.org.br/biografias/maria-dolores>. Acesso: 10 nov. 2023.

do Sertão”, “Desalento”, “Meu Pai”, “Meu Sonho”, “Nunca Mais”, “Olhos Azuis”, “Palavras Tristes”, “Regina Coeli”, “Rezando”, “Teus Anos” e “Falando ao Coração”. Contudo, é inegável também que, com o passar do tempo, as brumas do esquecimento tenham caído sobre si, mesmo que ela tenha extrapolado o mundo das letras e, por mecanismos metafísicos, tenha alcançado grande notoriedade mundial.

Além dessa ressurreição espiritual autiana, factualmente falando, houve uma revalorização de sua única obra publicada em vida quando os estudos literários voltados para a produção afrodescendente de autoria feminina a pinçaram e a trouxeram de volta ao proscênio (*ibidem*). Sendo assim, essa e outras áreas, com suas bandeiras de luta fincadas em terreno feminista, estão paulatinamente trazendo à tona, para o grande público leitor e crítico, essa mulher de luz que foi e segue sendo Auta de Souza: **uma voz que ecoa para além do *Horto***.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo tido a curta existência terrena de apenas 24 anos; tendo vivido esse tempo entre dores e desilusões, tuberculose e morte; tendo publicado apenas um livro – *Horto*, uma coletânea de poemas de teor simbolista e que mescla características de outras escolas literárias –, Auta de Souza retorna, após sua morte física, mais plena e mais operante do que antes.

Em tempos difíceis como são estes que estamos vivendo, em uma era pós-pandêmica, sobreviventes que somos de uma tragédia em nível mundial que assaltou vidas humanas e nos roubou a humanidade em muitos momentos, entrar em contato com uma não sobrevivente de uma epidemia que assolou o mundo há dois séculos, muito nos ensina. Lê-la é um deleite para os olhos e um acalanto para o coração. Sua poesia doce e profunda nos entenece e alivia, ao mesmo tempo que nos catequiza sobre paciência, resiliência, fé, conformação e esperança.

Ensejamos que este estudo, em consonância com outros já realizados sobre Auta de Souza, com os que estão em gestação e com os que ainda surgirão, ajude a trazer entendimento a respeito dessa poetisa singular cuja vida e morte se fundem em uma mensagem única: a poesia das palavras, que nos acompanham nesta vida e neste Plano Espiritual, seguem conosco e são capazes de alavancar transformações ao passo que são materializadas.

Que Auta de Souza, **cuja voz ecoa para além do *Horto***, siga conosco, ensinando-nos e guiando-nos como prócer espiritual, alimentando-nos com seus poemas que falam diretamente à nossa alma e mostrando-nos que, **para além** dos limites impostos pela equação tempo *versus* espaço, existe uma aura misteriosa que nos une e nos amalgama – como matéria que somos – **para além** do que vemos, ouvimos, provamos, tocamos e sentimos.

“Longe da mágoa, enfim no céu repousa
Quem sofreu muito e quem amou demais.”.

(Frase lapidar de Auta de Souza, retirada de
seu poema “Ao Pé do Túmulo”).

DEDICATÓRIA *IN MEMORIAM*

Este artigo é dedicado – com **MUITO AMOR, GRATIDÃO, SAUDADE E INOLVIDÁVEIS LEMBRANÇAS** – a **VADINHO RABELO CÂMARA**, *in memoriam...*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. de A. *Mulheres Beletristas e Educadoras: Francisca Clotilde na Sociedade Cearense – de 1862 a 1935*. 2012. 356 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará Fortaleza, 2012.
- CARNEIRO, L. P. S.; FREITAS, S. R. F. de. Autobiografia e Lirismo na Poética de Auta de Souza. In: *Revista Athena*, Cáceres-MT, vol. 21, n. 2, 2021, p. 61-79. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/6335/4618>. Acesso em: 13 out. 2023.
- CASCUDO, L. da C. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1944.
- CATRIB, S. F.; PAULA, A. J. S. de.; CÂMARA, Y. R. A revitalização do romance A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: contexto e perspectivas. In: *Relacult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, vol. 8, n. 3, set.-dez., 2022, p. 1-18. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2308/1593>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- DANTAS, J. *A Caminho do Horto: A Poética do Espaço na Obra de Auta de Souza (1893-1901)*. 2021. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2021.
- DUARTE, C. L.; MACÊDO, D. M. C. P. de. *Escritoras do Rio Grande do Norte: antologia*. 2 ed. Revista e Ampliada. Natal: Jovens Escribas, 2013.
- FARIAS, G. de A. Auta de Souza: tecendo fios da liberdade por meio da palavra escrita. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira; FARIAS, Genilson de Azevedo, *Tecelãs da Liberdade – trajetórias, narrativas e poéticas de mulheres*. Natal: edufrn, 2022, pp. 27-53.

FARIAS, G. de A. *Auta de Souza, a Poeta de “Pele Clara, um Moreno Doce”*: Memória e cultura da intelectualidade afrodescendente no Rio Grande do Norte. 2013 a. 185 f. Dissertação – Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013a.

FARIAS G. de A. *Auta de Souza: superando barreiras de gênero e raça no espaço da literatura feminina dos oitocentos*. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Conhecimento e Diálogo Social, ANPUH Brasil. Natal, 2013b, pp. 1-17.

GILBERT, S.; GUBAR, S. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literacy Imagination*. Yale: Yale University Press, 1979.

GOMES, A. L. F. *Auta de Souza e a Escrita Feminina nos Oitocentos*. In: *Cronos*, Natal-RN, vol. 1, n. 2, jul./dez., 2000, p. 49-60. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/10877>. Acesso em: 15 out. 2023.

LEÃO, N. L. de S. *A Obra Poética de Auta de Souza*. 1986. 303 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 1986.

LIMA, M. L. D. *Auta de Souza e Henrique Castriciano, Irmanados na Vida e na Poesia*. *Anais do 30º Simpósio Nacional de História*, ANPUH-Brasil. Natal, 2019, pp. 1-17.

LOPES, Z. S. *Hortografismo: Negritude, Espiritualidade e Morte em Auta de Souza*. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras Estudos Literários. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

Maria Dolores. UEM. Disponível em: <https://www.uemmg.org.br/biografias/maria-dolores>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MUZART, Z. L. *Entre Quadrinhas e Santinhos: a Poesia de Auta de Souza*. In: *Travessia*, vol. 2, n. 23, 1991, p. 149-152, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17168/15736>. Acesso em: 12 out. 2023.

PALHANO, J. M. P. *Vozes da Tradição na Poética de Auta de Souza*. In: *Imburana – Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, UFRN, vol. 5, n. 10, jul.-dez., 2014, p. 10-33. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/6493>. Acesso em: 13 out. 2023.

Relação das Obras Psicografadas. Realidade Espírita. Disponível em: <http://realidadeespirita.com.br/espiritismo/chico-xavier/relacao-das-obras-psicografadas/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SANTOS, A. L. dos; PEREIRA, J. B. *Auta de Souza e o Parnasianismo*. In: *Revista Humanidades & Inovação*, Palmas-TO, vol. 9, n. 1, 2022, p. 88-103. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5120>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SANTOS, D. C. dos. *A Importância da Literatura Potiguar e o Papel do Bibliotecário como Mediador Literário*. 2022 81 f. TCC – Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Departamento de Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, 2022.

SANTOS, R. B. da S. *Mulheres à Margem: o Silenciamento de Escritoras em Livros Didáticos*. 2023. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo. Vitória, 2023.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, J. P. da; OLIVEIRA, G. R. A. de. Afrodescendência e Afrobrasilidades de Auta de Souza. *Anais do V ENLIJE*. Campina Grande, 2014, pp. 1-14.

SOUZA, A. de. *Horto*. Rio de Janeiro: Editora Leebooks, Versão Kindle, 2019.

SOUZA, A. de. *Horto, outros poemas e ressonâncias*. Obras reunidas de Auta de Souza. In: MEDEIROS, A.; GOMES, A. L. F.; ARAÚJO, A. (Orgs.). Natal: EDUFRN, 2009.

SOUZA, C. R. de; SOUZA, M. C. de. Ensaio Poético Auta de Souza – Aula de Luz. In: CAVALCANTE, I, F.; SILVAG. M. da (Orgs.) *Para Ler Poesia – Ensaios de Análise Poética*. Natal: IFRN, 2013, pp. 46-57.

SOUZA, K. C. A.; CARVALHO, I. C. M. de. A Deusa sob ruínas: imagens do Feminino na poesia de Auta de Souza. In: GOMES, A. L. F.; FARIAS, G. de A. In: *Tecelãs da Liberdade – trajetórias, narrativas e poéticas de mulheres*. Natal: edufrn, 2022, pp. 54-87.

SOARES, R. G. *Ressignificando a História Local em Sala de Aula: uma proposta de guia didático voltado para construção de diálogos históricos entre espaços e tempos*. 2021. 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Natal, 2021.

TORRES, G. S. A. *Tossir ou Não Tossir: Eis a Questão dos Tuberculosos na Literatura*. 2023. 105 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2023.